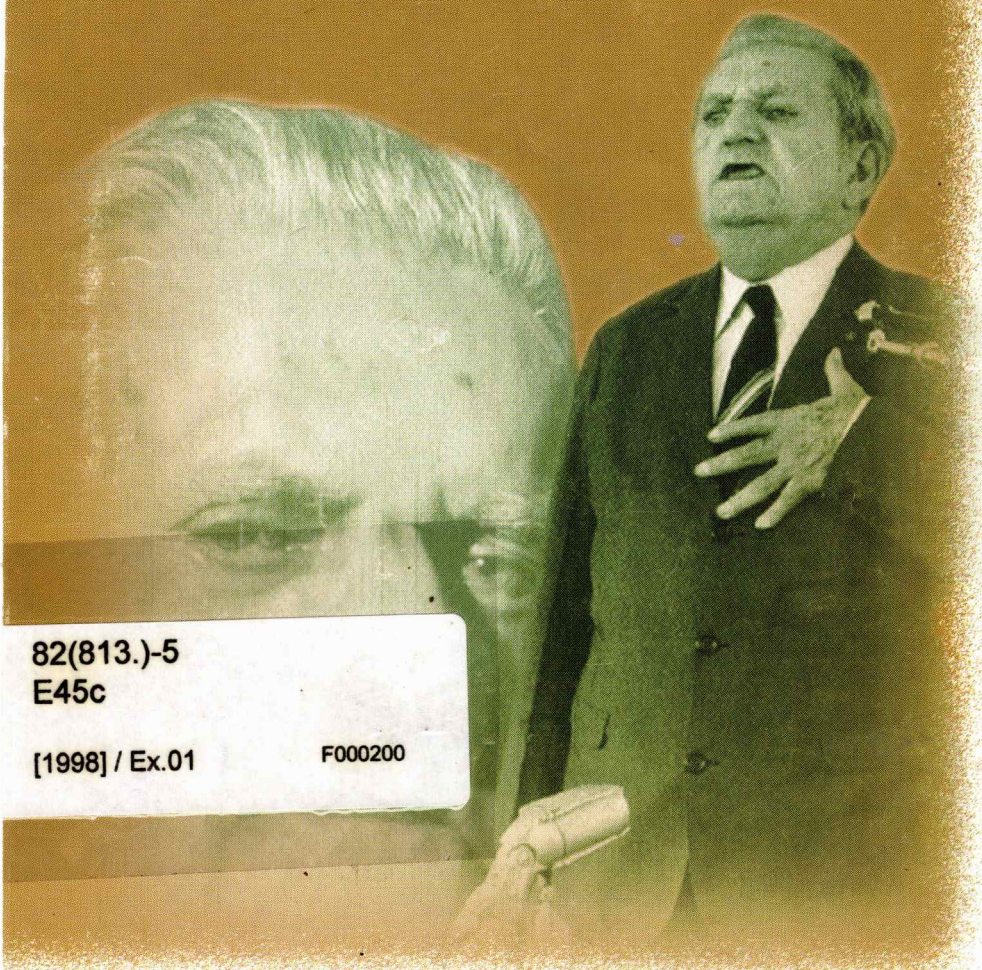
Cascudo

Da Província ao Infinito

Cláudio Emerenciano



82(813.)-5
E45c
[1998] / Ex.01
F000200

FARN

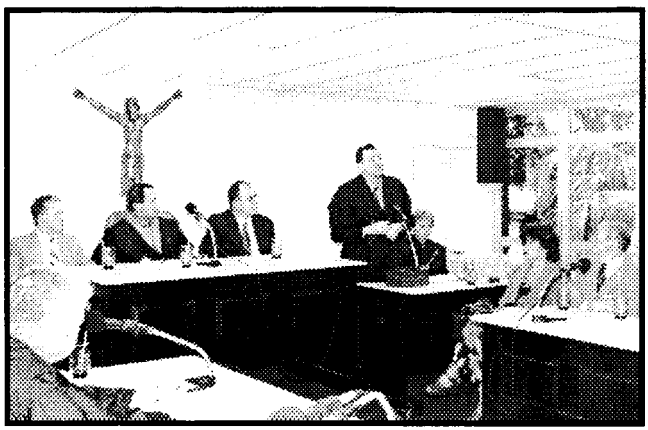
Cascudo

Da Província ao Infinito

Cláudio Emerenciano

Natal, em 25/8/99.
Ao prezado Frutuoso,
Exemplo de vida,
cultura e dignidade,
com meu respeito,
meu amigo, admirador
e discípulo.

B-23738
FARN
BIBLIOTECA
Reg. F000200
1, 08, 05
F
82-(813.2)-5
E45c
[1998]



Esta é a transcrição da palestra proferida pelo professor Cláudio Emerenciano, auditor doTribunal de Contas do Rio Grande do Norte e presidente do Conselho Estadual de Cultura, em sessão solene, no dia 09 de dezembro de 1998,

Cascudo
Da Província ao Infinito

Cláudio Emerenciano *

Paris, ano de 1840. Um milhão de pessoas, contritas, reverentes, silenciosas, num choro que parecia mais um múrmurio do que propriamente um lamento. Reverenciava-se a passagem do sarcófago de Napoleão Bonaparte. No meio da multidão, dois personagens especiais. O primeiro deles, Marie-Henry Béyle, consul da França na cidade de Civitavechia na Itália. Aquele que, em suas obras geniais, exaltara, de forma notálgica, os valores lançados por Napoleão no seu país, na Europa e no mundo. Particularmente em "Le Rouge et Le Noir". Ao seu lado, Hipolyte Tayne, historiador que lançou as bases precursoras da ciência tão obstinadamente estudada por Luís da Câmara Cascudo, a Etnografia. Stendhal, ao ver o sarcófago passar diz: "em Santa Helena, jazem as suas contradições humanas; mas, aqui, nos Inválidos, serão eternizadas sua honra, sua dignidade, sua visão de estadista e, sobretudo, suas glórias". Taine, na pioneira vertente de conhecimentos etnográgicos, décadas depois ampliada por Luís da Câmara Cascudo, disse: "Mais do que isso, esse homem enfeixou, no âmbio do seu tempo, os valores eternos da nação francesa. Identificou-se, como ninguém, com aqueles homens simples e humildes, que do campo acorreram ao seu chamamento para acompanhá-lo em suas lutas e em suas campanhas."

Luís da Câmara Cascudo foi um desses homens extraordinários, que nascem e, de repente, afloram no contexto da humanidade, amalgamando-se com sua comunidade, assumindo em plenitude a maneira de ser do seu país, e realizando uma verdadeira simbiose com os valores de sua nação. De séculos em séculos surgem e, como no vate andaluz, outro tarda muito em aparecer.

Nasceu no dia 30 de dezembro de 1898, em Natal. Nasceu e morou numa casa no bairro da Ribeira, na hoje Rua Câmara Cascudo, onde durante muitos anos funcionou a Bolsa de Valores do Rio Grande do Norte. Foi, portanto, canguleiro, denominação atribuída, no começo do século, àqueles que residiam na "cidade baixa". Filho do Coronel Francisco Cascudo e de dona Ana da Câmara Cascudo, Cascudinho, como passou a ser chamado desde menino por todos os que o conheciam, ainda adolescente revelava sua sensibilidade para as relações do homem com a sua terra e a sua natureza. No livro de memórias "O tempo e eu" disse: "fui menino magro, pálido e cercado de dietas e restrições clínicas; proibiram-me movimentação na lúdica infantil. Não corria, não brincava, nunca pisei nem andei descalço. Jamais subi numa árvore. Cuidado com fruta quente, sereno, vento pesado. Brincava com os meninos e as meninas de minha escola. Recebia muitos brinquedos".

Seu pai era a pessoa mais próspera da cidade. A ele pertenceu o primeiro carro, o primeiro automóvel que chegou ao Rio Grande do Norte. Depois vieram o carro da família Galvão e o carro do Governador. Cascudo foi um personagem visível e exuberante na visão de Ortega Y Gasset. Pois ele mesmo, na provinciana Natal, moldou, fez, criou, lapidou as suas próprias circunstâncias. Porque foi essa circunstância, praticamente enclausurando-o em casa, que suscitou nele, desde os primeiros anos de idade, uma indisfarçável e incontida voracidade pelo saber em geral.

O mundo entrava em sua casa através dos livros. Nada escapava à sua curiosidade intelectual, da filosofia à literatura universal. Muito cedo revelou interesse pelo estudo das línguas. Em suma, daqui de Natal, uma provinciana cidade de não mais de 28 mil habitantes, ele incorporou uma visão universal dentro de si. A ele não bastava conviver com ela, mas, percebeu desde cedo, que ela era instrumento vital para melhor conhecer e investigar o universo regional. Foi esse Cascudo que, anos mais tarde, vai para o interior do Estado, para uma fazenda de seus familiares, no município de Augusto Severo e lá, conforme confessa, na introdução de "Vaqueiros e Cantadores", desabrocham, no limiar de sua adolescencia, sentimentos atávicos que o marcaram pelo resto da vida: "apesar daquela infância em clauso em Natal, ao me aproximar da adolescencia, persegui tatus de noite, com faixos e cachorros amestrados. Matei arribações a pau e colhi nas aratácas. Ouvi estórias de trancoso e cangaceiros". Moldava-se, portanto, o caráter, a visão, a personalidade e, particularmente, sua postura como homem excepcional. Aprimorava-se sua sensibilidade. Muito jovem foi estudar medicina em Salvador e no Rio de Janeiro. De novo Cascudo sofre o impacto de sua circunstância.

A debacle econômica do seu pai forçou-o a voltar para Natal. Essa circunstância ele a incorporou e, assim, volta-se para o estudo do Direito, formando-se em 1928 na secular Faculdade de Direito do Recife. Antes disso, em 1918, lançava-se no jornalismo, publicando sua primeira crônica no jornal de propriedade do seu pai, "Bric-à-Brac". Em 1921, estreou com um livro que proximamente será relançado pela Fundação José Augusto, "Alma Patrícia", em que estudou dezoito intelectuais potiguares, entre eles Sebastião Fernandes, Henrique Castriciano e Otoniel Menezes. Em 1924, revelava sua percepção regionalista, visível e afirmativa em dois livros: "Jaio" e "Histórias que o Tempo Leva".

Em seguida, passa a escrever no jornal "A República" as suas famosas, eternas, atualíssimas e universais "Actas Diurnas", que foram publicadas, diariamente, naquele jornal, no Diário de Natal e de novo na República, durante cerca de 30 anos, em crônicas que documentam a vida de Natal, a vida do Rio Grande do Norte, acontecimentos e personagens universais, suas expectativas, seus sonhos e suas esperanças.

Do cotidiano da vida proviciana de Natal, ele extrai uma concepção de vida que, como diria mais tarde Teilhard de Chardin, patenteia que o homem é o mesmo em qualquer lugar da terra humana. Eram sonhos que se materializavam nos folguedos populares. Cascudo, em 1922, daqui de Natal, partilhava do movimento modernista. Correspondia-se com Mário de Andrade e com todos aqueles que deflagraram o modernismo.

Em 1926, com visão cultural e saber sedimentados, consciente de suas opções científicas, lança as bases daquilo que chamou de "Universidade do Povo". A Universidade congregaria não somente intelectuais, historiadores, cientistas sociais, mas se comporia de todos os que fazem a gente do povo. Sua proposta revelava seu compromisso com a igualdade cultural. Entendia que somente a cultura, ampla e livremente difundida, liberta e aprimora a condição humana.

Em 1927 recebe o apelo de Gilberto Freire e endossa o manifesto regionalista. Suas premissas já compunham sua visão como cientista social. No dia 21 de abril de 1929, casa-se com dona Dália Freire, filha do Desembargador Teotônio Freire. A partir de então, revelam-se outras características de sua vida: o esposo amoroso, o pai carinhoso e muito devotado à concep-

ção de que a família, com suas relações afetivas, é indispensável à estabilidade social. O Brasil vivia momento de convulsão interna desde 1922. O episódio dos 18 do Forte de Copacabana assinalaria um marco numa vertente de rebeliões no país. A coluna Prestes, com seus feitos homéricos, sacode a consciência nacional. Nessa conjuntura, marcada por acontecimentos da política brasileira, explode a crise do capitalismo em 1929, gerando desdobramentos não somente econômicos e sociais, mas também de natureza cultural em todos os continentes. Nesse contexto rebenta a revolução de 1930.

Mas, Cascudo, que não participava da política, fora, por reconhecimento público, eleito Deputado Estadual. Por pouco tempo. O seu mandato foi interrompido em face da ruptura institucional no país. A instabilidade política persiste e gera novos desdobramentos. Paradoxalmente, explode em São Paulo a revolução de 1932, revindicando-se a restauração do regime democrático e a reativação do federalismo. Cascudo manifesta, em seus artigos, a expectativa de que o Brasil se coordenasse melhor nos caminhos da liberdade. Com efeito, Getúlio Vargas frustrava, naquele momento, todas as expectativas de mudanças e transformação da vida social, política e cultural do Brasil. Cascudo tudo acompanhava sem dissociar a conjuntura brasileira dos acontecimentos mundiais.

Nessa época, mantinha vasta correspondência com amigos e intelectuais do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Porto Alegre, como eram os casos de Mário de Andrade, Érico Veríssimo e Manuel Bandeira. Correspondia-se, também, com escritores e professores do exterior. Por exemplo, o grande historiador português João Ameal, de quem tive a honra de ser seu aluno em 1968 e em 1969 em Lisboa, revelou-me que mantinha correspondência com Cascudo desde o ano de 1929.

Um acontecimento viria dividir a intelectualidade no mundo ocidental. Em 1932, André Gide, já consagrado escritor, militante comunista, realiza viagem de estudos e observações à União Soviética. No ano seguinte, lança um livro denunciando as atrocidades do regime de Stalin, marcado pelos expurgos violentos, pelas eliminações em massa, sem prévio julgamento, pela implantação de campos de concentração denominados de "Gulags". A mudança que se processara no interior do espírito de Gide foi compartilhada por escritores e intelectuais que, até então, acolhiam com indisfarçável fascínio a utopia da igualdade.

Em 1933 vamos encontrar Cascudo participando do movimento integralista, juntamente com Alceu do Amoroso Lima, o Padre Helder Câmara, Gustavo Barroso e muitos outros intelectuais de renome nacional. Aqui, no Rio Grande do Norte, juntamente com Miguel Seabra Fagundes, Otto de Brito Guerra e Clóvis Travassos Sarinho, Cascudo assumiu posição de liderança no movimento. Mas há um dado particular e específico referente a essa militânica. Em todos os momentos os seus artigos - e ele participou das duas grandes publicações nacionais do movimento - nas revistas "Annê" e "Panorama", bem como no jornal "A Ofensiva", - suas posições se centravam em dois pontos: a defesa intransigente da liberdade de pensamento e a proposta de que se impunha, como urgente, uma ampla ação pública para erradicar o analfabetismo e difundir a cultura no Brasil. Posteriormente, essas idéias foram atropeladas pelo radicalismo da ação integralista, quando o movimento enveredou pela proposta de um regime centralizador e autoritário no Brasil, sob influência crescente dos modelos em vigor na Itália e em Portugal.

Cascudo não pára. Sua produção científica, suas crônicas, suas pesquisas e sua vasta correspondência, mantêm-se vigorosos apesar dos prenúncios da Segunda Guerra Mundial. O Mestre das aulas de História nas manhãs, varria as madrugadas, sempre ampliando o seu universo de conhecimento. Lendo, anotando, pesquisando, escrevendo cartas, interpelando Universidades e Centros de Pesquisas no exterior, como foram os casos das Universidades de Princeton e Michigan nos Estados Unidos, das Universidades de Oxford e Essex na Inglaterra, da Universidade de Louvin na Bélgica, das Universidades de Madri e Salamanca na Espanha e, por fim, da Universidade de Lisboa. Seus trabalhos passam a ser examinados internacionalmente. Tanto é assim que, em 1949, a Universidade de Madri lançou seu livro "Estudos sobre Amuletos".

Cascudinho, como era gentilmente saudado em Natal, confundia-se com a gente do povo. Era aquele homem elegante, sempre bem vestido, trajando um paletó escuro, que contrastava com a calça de cor cinza clara, sempre com um cravo na lapela. Ensinava História em diversos colégios da cidade, colégios particulares. Depois, por designação de Juvenal Lamartine de Faria, o grande governador, em 1929, Cascudo chegara às portas do Atheneu norte-rio-grandense, que era a nossa maior instituição de ensino. Inicialmente, professor do quadro provisório, depois professor por concurso público, defendendo a tese da intencionalidade no descobrimento do Brasil. Esse homem, que saía de casa para ver, ouvir e anotar as lapinhas, os pastoris, os bumba-meu-boi, as cheganças, o coco, os emboladores, encontrou, nesse universo, motivações que o levariam a uma obsessão pela etnografia. A partir dessa opção, procurou, de todas as formas possíveis, desbravar e ampliar essa nova forma de estudo da sociedade. Na opinião de Américo de Oliveira Costa, no seu livro "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo", a história " nas suas mãos e nas suas palavras, animava-se de estranhas luzes e perspectivas. Era lição e exemplo, informação e testemunho, pesquisa e experiência."

Meus senhores, minhas senhoras. Deliberadamente, excluí uma referência de algum tempo do meu estudo de Cascudo porque, então, eu entro nessa história. Maurice Druon já dizia que os olhos de uma criança fixam e documentam, como ninguém, fatos e acontecimentos. Porque, na criança, incorporam-se a uma memória pura, a uma memória inocente, permitindo que os fatos memorizados adquiram um sentido de eternidade. Eu diria, meus senhores, minhas senhoras, que foi no ano de 1951, na bucólica e verdejante cidade do Natal, na Avenida Rio Branco, na casa do meu padrinho, médico humanitário e patrimônio moral na cidade, amigo de Câmara Cascudo, Doutor José Ivo Moreira Cavalcante, onde, diariamente, da segunda a sexta-feira, entre as 16 e as 18 horas reuniam-se pessoas amigas de diversas tendências intelectuais e políticas. Todas se respeitavam e, curiosamente, a minha memória registra um dado curioso, inusitado. Apesar de tanta gente, falava-se de tudo o que acontecia no mundo, dos livros editados no Brasil e no exterior, dos filmes exibidos em Natal, dos eventos sociais. Porém, não se falava, nem se discutia, assuntos referentes à política local.

Ali estavam, diariamente, Luís da Câmara Cascudo, Amaro Mesquita, Clóvis Travassos Sarinho, José Tavares da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Ulisses Celestino de Góis, Gentil Nesi, Teodomiro Sá, Eutiquiano Reis, Monsenhores João da Mata Paiva e Adelino Dantas, os Padres Eugênio Sales e Raimundo Brasil, José Reis, Raimundo Nunes, José Carlos Leite, Ulisses Cavalcante e tantos outros amigos que acorriam à casa de José Ivo. Um dia, com 7 anos, em 1951, ocorre o meu primeiro encontro com o Mestre Cascudo. Eu fora afalbetizado por uma senhora baixinha, gentil e bondosa, abnegada e firme, professora Beatriz Cortez, que ministrava aulas, pela manhã, na sede da antiga Escola do Comércio, onde, em 1954, Dinarte Mariz construiu o cinema Nordeste e, ao seu lado, a sorveteria Oásis, também ali instalando

a Rádio Nordeste. Marca-me, até hoje, a presença dessa senhora em minha vida, pois a ela devo o privilégio de poder ler aos 6 anos de idade. Pois bem. Num dia, à tarde, em 1951, creio que no mês de dezembro, entro na casa do meu padrinho levado pelas mãos amorosas do meu pai. Ao ver tantas pessoas ali, fiz-lhe uma pergunta sobre o personagem que mais me impressionara: - quem é aquele ali? - Você não conhece aquele? É o Mestre Cascudo. - Meu pai, que fora seu aluno no Atheneu, sempre o tratava assim. Aproximou-se dele e disse: "Mestre aqui está meu filho, que, como o senhor, alfabetizou-se cedo". Ele replica: "Meu filho, eu tive o privilégio de me alfabetizar aos 4 anos por seu bisavô, o professor Zuza." Esse fato se gravou indefinidamente na minha memória, na minha saudade e na minha afeição.

Natal, cidade bucólica, a Avenida Rio Branco, a casa do meu padrinho, em frente à Liga Artístico-Operária, ao lado da casa de Oscar Rubens, onde passava tempos José Mauro de Vasconcelos, depois autor de "Meu Pé de Laranja Lima". A Praça, naquele tempo, de forma redundante, era chamada de Praça do Carro de Praça. Na esquina, escondido entre um poste da companhia Força e Luz e a abundante folhagem dos pés de ficus-bejamim, o alto-falante da Agência Pernambucana, que ainda sobrevivia, apesar do final da guerra e da atuação hegemônica, também exclusiva, da Rádio Educadora de Natal - REN, sucedida pela Rádio Poti. A partir daquele primeiro encontro com Cascudo, a minha curiosidade me levou a tomar conhecimento das relações de amizade entre as nossas famílias e, principalmente, do que ele representava para todos nós.

Dois, ou três anos mais tarde, encontrava-me em São José de Mipibu, na casa do meu avô, pois ali eu costumava passar, de férias, as festas de São João e de São Pedro, que, no meu universo telúrico e sen-

timental, revestiam-se de uma magnitude superior aos festejos de carnaval. Sou surpreendido, então, com a chegada, na casa do meu avô, de visitantes ilustres. Afonso Maranhão dos Santos Lima, então diretor da Estrada de Ferro "Sampaio Correia", casado com uma prima do meu pai, deslocara-se em carro de linha de Natal para São José de Mipibu. Fazia-se acompanhar de Cascudinho, Evaristo de Souza e Carlos Siqueira. Cascudinho, sempre elegante e com seu vozeirão inconfundível, irrompe na grande sala de visita daquela casa de estilo colonial. Abre os braços para acolher as saudações do meu avô e da minha tia. Percorre toda a casa, e se desloca para a cozinha onde a curiosidade o levara para ver, pelo menos contemplar, as iguarias, feitas com base em milho para aquela noite de São João. Depois, prometendo voltar para uma janta mais tarde, sai com seus amigos para ver, anotar, documentar, registrar e, se possível, dançar, todos os folguedos populares que emolduravam aquela noite de São João no interior.

O contacto com aquelas pessoas simples, agentes da cultura popular, reanimava sua determinação em defender, especialmente em seus artigos publicados na imprensa, a igualdade de todos à cultura, o acesso de todos à educação. Nessa perspectiva, Cascudo era um platônico, à moda das lições contidas no livro "A República". Sem educação, dizia ele, repetidamente, o ser humano não desenvolve o espírito e, consequentemente, não participa da vida social.

Meus senhores, minhas senhoras. Uma outra cena, singular, ficou gravada em minha memória. Um casamento, no ano de 1954, de um parente meu. Após a cerimônia na Igreja, a festa na casa da noiva. Subitamente irrompem no recinto Cascudinho e o seu grande amigo Sílvio

Pedroza, na época Governador do Estado. Todos os aguardavam. Cascudinho , como era de esperar, falou em nome das famílias que se uniam. Era uma cena "Machadiana". Cascudinho era, portanto, o centro das relações sociais. Cultivava aquilo que Saint-Exupéry certa vez disse que "nada se faz, nada se constrói, sem o sentido e sem o peso das relações humanas".

Um outro aspecto da personalidade de Cascudinho se impõe ressaltar. Jamais em sua vida, jamais em seus artigos nas Actas Diurnas, jamais em suas intervenções em qualquer que tenha sido o ambiente, escola, academia, entidades de âmbito nacional ou regional, em nenhum momento se revelou a marca do ressentimento. Quando, no seu prefácio de "Civilização e Cultura", revelou a perda dos originais do livro, durante anos e anos, na Imprensa Oficial de Pernambuco, não exibe, nem demonstra, qualquer mágoa, nenhum desgosto. Limita-se a reportar o fato pela feliz coincidência, de anos depois, terem sido enviados, misteriosamente, de volta ao autor, aqueles originais. Pela persistência de um grande amigo, Onofre Lopes da Silva, então reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que mobilizou, numa espécie de "conspiração sentimental", o então reitor Zeferino Vaz, reitor da Universidade de Brasília, e o Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, para convencê-lo a permitir a edição daquela que os etnógrafos consideram sua maior obra. Graças a ação de Onofre Lopes e esses outros amigos, finalmente, em 1970, a obra, que é universal e eterna, chegou às livrarias do país e do exterior.

Na introdução do livro, Cascudo expõe as razões que o levaram a optar pelo termo Etnografia como a ciência que estuda a origem, a evolução, a expansão e a fixação social da cultura. Discute concei-

tos de Robert Lowie, que considerava a cultura um conjunto de tradições sociais. Também questiona aspectos restritivos do conceito de cultura de Ralph Linton, para quem a cultura é exclusivamente a herança social. Repeliu a opção pelo termo Antropologia - aí se revelam os conhecimentos adquiridos no curso médico, onde estudou durante 4 anos - pois, no seu entendimento, a palavra anthropos se ligaria a um aspecto estritamente fisiológico do ser humano, referindo-se à mesma condição física em qualquer parte, enquanto que o ethnos fomentaria a expansão da cultura e, também, permitiria identificar a alma de um povo e o seu espírito coletivo. Gore Vidal, posteriormente, num livro explêndido, "Criação", diz que a cultura aflora como manifestação do espírito de uma maneira não igual, mas de forma criativa, original, em diversas sociedades, países e civilizações. É a tese da regionalização da cultura.

Cascudo, do mesmo modo que citava cientistas e pesquisadores sociais, invocava a sabedoria popular. Curiosamente, na página 22, da 2a edição de Civilização e Cultura, confessa sua rendição tanto às opiniões eruditas quanto ao pensamento do povo: "como já me dizia José Lagreca, após conviver com um certo alfaiate em Palmares, as minhas idéias eu as tenho e eu as defendo". Quer dizer, o homem era assim. Tinha um respeito singelo com as opiniões do povo.

Eu posso dizer, que, em relação a Cascudo, é preciso, é necessário cultuar não somente sua memória, mas especialmente sua presença entre nós, a força e o peso de sua personalidade. Presença de sua obra como a criação, por sua iniciativa, em Natal, no ano de 1943, em plena guerra, numa cidade com menos de 60.000 habitantes, aqui, mesmo concebendo e criando a Sociedade Brasileira do Folclore, obtendo adesões que se estenderam do Rio Grande do Sul ao Amazonas.

Como homem, ele pertenceu à estirpe daquele herói de Sófocles na "Antigona". Jamais partilhou o ódio, sempre distribuiu o amor. Uma vez, na Faculdade de Direito - e aqui de tantos seus ex-alunos eu tenho à minha direita o Presidente desta Casa, Antônio Câmara e o Procurador Geral de Contas, Edgar Smith - ele, conversando conosco, seus alunos, do mesmo modo, como fazia no Atheneu, quando se falava sobre paixão incontrolável de um colega seu, também professor, na última idade, por uma mulher bastante jovem. Ele, circunspecto e gracioso, passou a discorrer, com naturalidade, com bonomia e compreensão o episódio próprio da condição humana. Disse: "meus filhos, se fôsse falar sobre acontecências semelhantes no interior, no sertão, na cidade, eu lhes daria uma explicação estritamente humana. Mas, se vocês desejarem uma resposta intelectualizada , leiam as "Rosas de Setembro", de André Maurois.

Era esse o Luís da Câmara Cascudo. Um homem tolerante com tudo e com todos, que sabia conviver civilizadamente. Todavia, eu me permitiria ainda ressaltar, nesta minha intervenção que já vai longa, e nesse momento eu quero agradecer a generosidade de Sua Excelência, o Presidente do Tribunal de Contas, de Suas Excelências os Senhores Conselheiros, que me outorgaram esta missão. Não me acho em condições de cumpri-la satisfatoriamente, até porque, saído de uma cirurgia, não pude, nos últimos dias, debruçar-me como deveria sobre seus livros para imprimir melhor concatenação às minhas idéias sobre sua vida e sua obra.

Cascudo, num livro fantástico, cuja edição da Fundação José Augusto, em 1967, eu a levei para Portugal e a entreguei em mãos de Jorge Dias, na época considerado maior antropólogo do mundo, Presidente da Associação Internacional de Antropologia, e cujo título é "Meleagro", um estudo sobre a magia

branca, a partir da antiguidade greco-romana. Quando entrego o livro, Jorge Dias o segura como quem recebe uma relíquia. Acolhe-o em suas mãos, revereciando- o. No encontro seguinte, quando chego para a 1ª aula de Antropologia Cultural, diante dos meus colegas e exibindo o livro, Jorge Dias afirma: "o que Cascudo nos ensina em seu livro, os pesquisadores ingleses da Universidade de Oxford não conseguiram, ainda hoje, expressar de maneira mais clara".

A universalidade dos seus conhecimentos em "Prelúdio e Fuga do Real", em que realiza uma incursão, tal como Henry Tomas em "História da Raça Humana", dissecando psicologicamente personagens históricos ou literários desde a antiguidade clássica:.. Personagens como o Doutor Pangloss, de "Candide", do genial Voltaire, foram desvendados numa análise semelhante àquela que Stendhal realizou em "La Cartouxe du Parme".

Mas, há de se ressaltar, também, o estilo de Cascudo. O Rio Grande do Norte forjou no seu logus, na sua ambiência, vários estilistas, pessoas que tiveram o dom de escrever bem, escrever de forma concisa, clara e lúcida. Rendo aqui as minhas homenagens a Elói de Souza, a Edgar Barbosa, a Luís da Câmara Cascudo, a Américo de Oliveira Costa e Hélio Galvão. Eis porque em toda e qualquer obra de Cascudo, por mais complexo que seja o tema, a exposição é clara e cadenciada. Confronte-se os seus textos com os textos de qualquer outro cientista social. É visível, em Cascudo, a presença do estilo jornalístico, o ser jornalista, o espírito de jornalista.

Precisamos cultuar, assim, sua presença, não o seu passado. Ele está entre nós. Ele continuará entre nós. Sua presença em obras como o "Dicionário do Folclore Brasileiro" e a "História da Alimentação no

Brasil", para nos cingirmos a essas obras monumentais, fruto de pesquisa paciente e ilimitada determinação em mergulhar no conhecimento da alma do povo brasileiro.

Cascudo morreu como viveu: tranqüilamente. Seus atos fundaram o homem que ele sempre foi. Sua genialidade era original. Por quê? Porque nos laços que criou, nas pessoas e coisas que ele amou, nos ideais em que acreditou, no sentido que deu ao seu próprio ser, à sua vida, aos seus sentimentos, à sua criatividade, estabeleceu uma identidade simples e peculiar entre o homem e o Gênio. Nele coexistiam o cidadão do mundo e o cidadão amante de sua terra, de sua cidade e de sua gente. Poucas pessoas desenvolveram, como ele, uma obra universal sem renunciar aos seus renovados compromissos com a cultura do seu povo. Jorge Dias, antropólogo português de renome internacional (já falecido), dizia que sua obra era tentacular por seu alcance planetário. Atribuía-lhe uma faculdade genuína, que consistia em detectar caracteres que estão em todos os povos e todas as culturas. Cascudo, de Natal, enxergou o mundo através de uma sensibilidade que lhe permitia entender e compreender a odisséia humana em todas as latitudes. Aproximando-as e relacionando-as.

Cascudo mergulhava na alma humana através daqueles sentidos que transpõem as barreiras do tempo. Numa obra erudita e meticulosa sob o título de "Cinco Livros do Povo", ele imergiu na alma do nordestino, em valores cultivados desde o século XVI, nos albores de nossa formação cultural. Ali captou em outro ângulo as verdadeiras origens do que nós somos. Porque nas fazendas, desafiando até a intolerância da Inquisição, preservou-se uma literatura, muito mais por via oral do que por textos impressos. Repetia-se, no Nordeste, uma tradição judaica, que consistia em adestrar crianças na

memorização de tudo quanto era indispensável preservar para a perpetuação de uma identidade cultural, religiosa, política e moral. Assim ele enveredou por caminhos que o atraíram às origens do que se convencionou chamar de civilização cristã ocidental. E que o conduziram a estabelecer ligações entre o mundo medieval, por exemplo, e a vida do nosso povo em pleno século XX. Referindo-se aos "Cinco Livros do Povo" e mais à História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França (eternizado, até hoje, por improvisadores, emboladores e pela literatura de Cordel), ele estabelece essa admirável convergência entre a cultura universal e a regional: "Todas essas novelas refletem o trabalho pessoal, mas o enredo, os fios do tema, a maneira de situar as soluções levarão o pesquisador para os domínios mais recuados da universalidade novelística. Será sempre o universal no regional".

Por isso entendemos que o humanismo de Cascudo foi como o de Exupéry. Sua fidelidade foi com o homem. Para ele não havia preconceitos, tabus, restrições ou limitações. Era um erudito com linguagem simples, concisa, lúcida e objetiva. Se é possível cunhar uma máxima sobre sua vida, sua obra, suas relações, seus sentimentos, certamente nada melhor alcança esse sentido do que essa sentença de Exupéry: "Nada tem sentido, se aí não misturei meu corpo e meu espírito". Mas a gênese da obra de Cascudo não se esgotou. Está viva. Acompanha a vida do nosso povo. Porque o que ele descobriu, dignificou, amou, valorizou, está em cada um de nós. Em todos os brasileiros, em todos os nordestinos e, especialmente, em todos os norte-rio-grandenses. Cascudo realizou uma simbiose inimaginável. Misturou no seu modo de ser tudo quanto seríamos capazes de aspirar, sonhar, imaginar e descobrir.

Ele revelava uma obstinada preocupação com aquelas motivações que faziam o povo se reunir, juntar-se, relacionar-se e explodir em suas manifestações culturais. Para ele nada mais era tão nocivo e tão obscurantista quanto às restrições ao entendimento e às relações das pessoas. Era nessa comunicação que o seu universo adquiria vida e mobilidade. Sua capacidade de renúncia era, de certo modo, estóica. Sua vida simples, tranquila, voltada para os estudos e para o seu universo de familiares e amigos, que se estendiam por países e continentes, animava-se pelo exercício de uma liberdade: a liberdade da alma, que abrigava toda a sua fantástica criatividade.

Na África, ele realizou inúmeras pesquisas. Uma delas, relatada em "Civilização e Cultura"(editora Itatiaia, pág. 581), ele revela a amargura de um velho que não podia mais acompanhar os cânticos dos mais jovens: - Por que choras, Macavane? - Estou velho, não posso cantar. - Tu gostas de cantar? - Quando o preto canta, Chicuembo repousa...(Deus descansa). Cascudo canta. Não descansa. Porque o seu canto é a seiva que ele descobriu, mostrou e distribuiu pelo mundo afora. É a seiva que une os homens, em seus sentimentos e sua cultura. É a seiva que fundamenta o humanismo, que identifica no homem essa morada do próprio Deus. E como seu tabernáculo, Cascudo O amou com sua genialidade. E O amando, amou os homens e a vida.

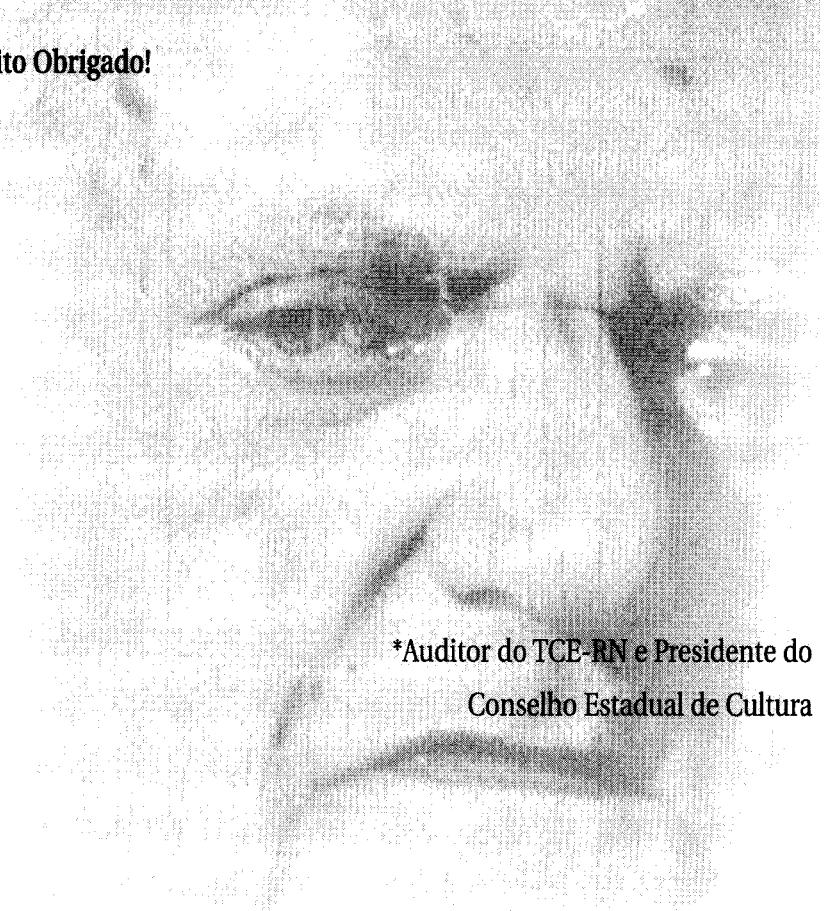
Cascudo publicou uma outra obra erudita, intitulada "Dante Alighieri e a Tradição Cultural do Brasil," primeira edição pela editora Globo e estimulada por Dante Laitano, grande amigo

seu e de Érico Veríssimo, depois editada pela Fundação José Augusto, em 1979. Nela diz o seguinte: "O mundo se redescobriu no renascimento". Relaciona a identidade de valores lançados por Dante na Divina Comédia, eternos e presentes até hoje, por incrível que pareça, na tradição brasileira. Ele diz que tudo teve liame, uma junção: foi a fé cristã em Deus. A Divina Comédia, como os senhores sabem, descreve aquele percurso interminável de Dante, em busca de Beatriz, passando pelo inferno e purgatório na perspectiva de alcançar o céu, onde sua amada se encontra.

Meus senhores, minhas senhoras. A minha intervenção já foi longa demais. Cansei-os. Exauri a vossa paciência. Quero agradecer, mais uma vez. Mas, para terminar, quero relembrar um fato, que une de maneira especial e particular a mim e ao presidente desta Casa, Conselheiro Antônio Câmara. Eu, na condição de pró-reitor da Universidade; ele, na condição de Deputado Estadual. Encontrávamo-nos em 1976 em Brasília e, indo ao Congresso Nacional, tivemos o privilégio de assistir à sessão especial em homenagem ao grande brasileiro que foi Juscelino Kubitscheck de Oliveira. Tivemos, ainda, o privilégio, de assistir à oração do saudoso Tancredo Neves, homenageando o grande presidente. Ao final, Tancredo se apropriou da conclusão daquele discurso de Marco Antônio, que o gênio inimitável de Shakespeare lançou em seu personagem. Foi a forma mais veemente da homenagem a um brasileiro realmente excepcional.

O nosso Câmara Cascudo não foi menos excepcional. Não foi menos universal. Não foi menos humano. Por isso, permita-me a ausência do gênio de Shakespeare e a memória de Tancredo Neves, para que eu possa dizer, como Marco Antônio, diante do cadáver insepulto de Brutus: "Dos nobres, era o mais nobre. A sua vida era pura. Os elementos que faziam o seu ser, de tal modo nele se conjugavam, que a natureza inteira poderia dizer, clamar e bradar ao universo: aqui está um homem".

Muito Obrigado!



*Auditor do TCE-RN e Presidente do Conselho Estadual de Cultura

Texto publicado na Revista do Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte, v.2-n.1, dez.,1998.



F000200